

---

JAZZ

8 MARÇO '08

BASSDRUMBONE

---

CICLO ISTO É JAZZ? Comissário Pedro Costa

*Culturgest*

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SÁBADO 8 MARÇO 2008 · PEQUENO AUDITÓRIO · 21h30 · DURAÇÃO 1h30 · M/12

Trombone Ray Anderson  
Contrabaixo Mark Helias  
Bateria Gerry Hemingway

## Jazz e pós-contemporaneidade

Começar um ciclo de concertos que tem por nome uma interrogação, “Isto é Jazz?”, com um trio que nos convida de imediato a responder afirmativamente, está longe de arrumar a questão logo à partida. O que o BassDrumBone nos apresenta é, sem dúvida, jazz, mas se nos dermos ao trabalho de escutarmos a sua música mais atentamente verificamos que no ADN do projecto existem partes de outros códigos genéticos. Nos dias de hoje, falar de *free jazz*, *be bop*, *hard bop*, *cool* ou outra qualquer subcategoria estilística do passado para classificar a música que é praticada nessa área a que chamamos jazz não tem mais relevância senão a de dar um enquadramento ou uma referência base ao que ouvimos, e isso acontece como não podia deixar de ser, pelo menos quando se trata de

práticas musicais inventivas, ou seja, não celebratórias do que ficou para trás, com o grupo formado por Ray Anderson, Mark Helias e Gerry Hemingway. Será *free* o que fazem? Sim, passam por aí, mas não chega para os catalogarmos como tal. Não ouvimos neles referências do *hard bop*? Também, mas há mais, muito mais, nos seus temas.

Nenhuma forma verdadeiramente actual do jazz é definível por esses termos, e no entanto continuamos a utilizá-los para que todos compreendamos quais são as heranças que lhe reconhecemos – e isto porque, de facto, o jazz, como todas as demais músicas, vive dos legados que lhe foram deixados. Uns dizem que pelo facto de não ter surgido ainda um novo paradigma, outros por entenderem que a condição

presente da música é precisamente a particularidade de nenhum padrão estar para surgir. Se tais exigências de comunicabilidade se justificam por motivos práticos, são também a razão de muitos equívocos, afectando as formulações estéticas dos próprios músicos e muito especialmente o trabalho crítico e musicológico. O certo é que o jazz pouco tem sido “pensado” de dentro para fora, com o reconhecimento das complexas teias relacionais que estabelece com todas as demais actividades humanas (artísticas, culturais, espirituais, sociais, económicas, políticas, etc.) ao nível planetário. Fizeram-se algumas tentativas, mas não tiveram a mesma profundidade que as análises realizadas no campo da música erudita e muito menos no das artes visuais, que continuam a tomar a dianteira no respeitante à formulação teórica. Propostas como a que nos dirige o BassDrumBone alertam-nos para a urgência de mudar este estado de coisas.

Perdeu sentido a designação “arte contemporânea” para referir a produção artística desta primeira década do século XXI, pelo simples facto de uma obra criada há 50 anos não poder ser avaliada do mesmo modo que uma datada de 2008. A noção de contemporaneidade acabou por se erigir como uma eternização do presente, um presente contínuo em que passado e futuro se confundem. Em alternativa, surgiu nas artes plásticas, no instalacionismo e na “media art”, espalhando-se depois por todas as disciplinas, o conceito de pós-contemporaneidade para afirmar que “ser contemporâneo” não é algo de definitivo. Apresenta-se tal conceito como uma “reescrita do tempo”, um processo que

tem, inclusive, lugar “depois do tempo”, quebrando com a linearidade da história. Nestes parâmetros, o entendimento modernista do Novo ganha agora outras configurações, finalmente dando a perceber que a sua emergência não implica um corte com a Tradição, algo em que se acreditava piamente nas décadas de 1960 e 70. A arte pós-contemporânea tem a memória como matéria-prima, é feita de patrimónios cruzados e possui dimensão global, implicando mesmo o risco de os regionalismos se diluírem. É uma arte erigida sobre ruínas, aquelas que resultaram do desmoronamento dos grandes edifícios estéticos. Tal como o impressionismo, o serialismo e o minimalismo da musicografia “clássica”, o *bop* e o *free jazz* implodiram. A sua sobrevivência verifica-se neste momento em outras construções que não as de origem, já não funcionando como sistemas integrais, frentes de acção ou blocos organizados.

As práticas pós-contemporâneas do jazz são disseminantes, trans-idiomáticas (em oposição ao idiomatismo jazzístico convencional e ao não-idiomatismo da *free music*), inter-subjectivas e atomizadas, na medida em que cada projecto pessoal ou colectivo é um entre muitos e não parte de uma qualquer “vanguarda”. Um exemplo muito concreto é dado nos Estados Unidos, berço do jazz, pelas cenas nova-iorquina, de Chicago e da Bay Area, que cruzam reminiscências das várias “escolas”, tendências e estilos e chegam a introduzir neste composto elementos de outras famílias musicais, da “cultura” e académica ao rock ou ao hip-hop. Este jazz pluralizado é uma música de cooperação e troca, aberta, permeável, multiforme,

flutuante e sempre em mutação. O que nele escutam os de “antigo” já nada tem que ver com revisionismo, nostalgia ou modismo “retro”, mecanismos próprios de um neo-modernismo mascarado com as justificações da pós-modernidade, chavão que nas últimas décadas abrigou até o seu contrário. O que o “novo” jazz tem de “eterno retorno” (metáfora com que Nietzsche aludia ao tempo) não é uma capitulação face ao peso da sua história, mas o sinal de que a experimentação estabeleceu uma fértil cumplicidade com o que já foi realizado. Não só para construir a partir daí, mas para que os caminhos a desbravar não tenham “lugares sagrados” e “terras de ninguém”.

O próprio perfil destes músicos fala por si. Ray Anderson é bem o exemplo do *jazzman* que tudo ouviu e muito absorveu dessas audições, do dixieland à AACM (a seminal e sempre activa Association for the Advancement of Creative Musicians), dos concertos de Mozart aos espectáculos da Broadway, de John Cage ao funk e muito especialmente à Sly and the Family Stone, tudo isto se reflectindo naquilo que retira do trombone nos mais diversos contextos, sejam os eléctricos e jingados da sua Alligatory Band, na qual está patente a devoção que sente pelos *rhythm ‘n’ blues*, ou os geométricos e ultra-complexos que tem gravados ao lado de Anthony Braxton. Mark Helias não deve a sua fama apenas à circunstância de ser um dos melhores contrabaixistas em actividade, mas ao facto de estar a reinventar o seu instrumento, em termos técnicos, de léxico, de papéis e funções. Tocou com os maiores do *free jazz* histórico, como Cecil Taylor e Don Cherry, mas

também compôs sinfonias, acompanhou a cantora Abbey Lincoln e participou em duas óperas de Anthony Davis. Quanto a Gerry Hemingway, transversalidade é a palavra que nos ocorre para explicarmos o seu trajecto. Aquele que é uma das glórias máximas da bateria jazz do momento está longe de ser apenas um baterista de jazz ou “o” baterista de jazz que Braxton manteve durante 11 anos – tem realizado trabalho no domínio da livre-improvisação mais radical, já circule nos domínios da música electrónica e electroacústica, editou um disco de canções pop (além de ter colaborado com um ex-Velvet Underground, o vocalista, guitarrista, baixista, teclista e violista John Cale) e é um compositor de méritos firmados, querendo isso dizer que não vê o mundo através de um par de baquetas. Todas as faces do prisma que é o jazz pós-contemporâneo, segundo a visão BassDrumBone, estarão em evidência neste concerto em Lisboa. Incluindo as que, na realidade, não são jazz...

RUI EDUARDO PAES  
crítico de música, ensaísta,  
editor da revista *jazz.pt*

## BassDrumBone

BassDrumBone é um trio com uma instrumentação invulgar e um som único. Um verdadeiro colectivo, a sua música combina três distintos caminhos quer no domínio da composição quer no da improvisação, mas também uma relação musical excepcional. Mark Helias, Gerry Hemingway e Ray Anderson formaram o seu trio no final de 1977. O primeiro disco, *Oahspe*, foi editado em 1979 pela Auricle Record. Bob Rush, na sua crítica ao álbum, escreveu: “Música excepcionalmente boa, tocada com audácia e com uma firme coordenação. Recomendado”.

Em 1984 foi lançado *Right Down your Alley* pela Soul Note Records de Itália e no princípio de 1986 *You Be* foi editado por Minor Music, da Alemanha. Ambos os álbuns foram muito elogiados pela imprensa europeia e americana; a revista *Down Beat* atribuiu 5 estrelas ao CD *You Be*. Em 1988 saiu *Wooferlo*, pela Soul Note, também saudado pela crítica.

Depois de 1988 o grupo entrou numa certa letargia, enquanto os seus três membros prosseguiam o seu trabalho com os seus próprios grupos. No final de 1993 os BassDrumBone juntaram-se de novo para uma digressão europeia e nunca o seu som fora tão bom. Uma digressão em 1996 teve como consequência a edição do CD *Hence the Reason* (Enja Records) e em Março de 1999 a Auricle Records fez sair *Cooked to Perfection*, que incluía material de arquivo dos anos 1986-97. A banda celebrou o 25.º aniversário com o álbum *March of Dimes*, publicado pela Data, da Holanda. Em 2006, a editora portuguesa Cleen Feed publicou *The Line Up*. 2007 foi o ano em que o trio completou o seu 30.º aniversário com várias digressões pela Europa e pelos Estados Unidos.

[www.gerryhemingway.com/  
bassdrumbone.html](http://www.gerryhemingway.com/bassdrumbone.html)



### Ray Anderson

Ray Anderson nasceu em 1952 em Chicago, filho de teólogos. Iniciou-se no trombone muito jovem, influenciado pelos discos de Dixieland do seu pai. Estudou na University of Chicago Lab School. Um dos seus colegas era outro notável trombonista, George Lewis. Teve como professores, entre outros, Frank Tirro, que veio a ser reitor da escola de música de Yale e Dean Hey, que apresentou o jovem Ray a músicos tão diversos como John Cage e Archie Shepp. Ainda adolescentes, Anderson e Lewis tiveram contacto com a música da Association for Advancement of Creative Music (v. <http://aacmchicago.org>). Mais tarde veio a tocar frequentemente com ilustres membros dessa Associação.

Tocou em bandas de R&B (*rhythm and blues*) enquanto estudava na Universidade de Minnesota e Los Angeles e em bandas de música funk e latina quando viveu em São Francisco. Na Costa Ocidental frequentou três dos mais célebres membros da comunidade de jazz de vanguarda – o saxofonista tenor David Murray e os bateristas Charles Moffett e Stanley Crouch. Em 1973 Anderson mudou-se para Nova Iorque onde tocou com Jimmy Giuffre, no trio de Barry Altschuls e, durante três anos, no AACM do saxofonista Anthony Braxton. Nos anos 1980 concentrou-se em bandas como Slickaphonics, orientada para a música funk, ou o trio BassDrumBone.

Anderson participou em gravações com músicos tão diversos como, entre

outros, Braxton, Murray, Charlie Haden's Liberation Music Orchestra, Dr. John, George Gruntz Concert Jazz Band, Luther Allison, Bennie Wallace, Henry Threadgill, Barbara Dennerlein, John Scofield, Roscoe Mitchell, New York Composers Orchestra, Sam River's Rivbea Orchestra.

Ao mesmo tempo que abria caminhos em direção ao futuro, Anderson frequentemente regressou ao seu amor antigo pela música de Nova Orleães, tocando, por exemplo, na Alligatory Band ou na Pocket Brass Band. "Sinto-me como um filho espiritual dessa cidade", disse ele. "Uma parte de mim vive lá. Dr. John, Professor Longhair, tudo isso me agarra. Somos apanhados por esses ritmos, no cruzamento entre o jazz e o funk e não conseguimos deixá-los".

Anderson tocou também na Lapis Lazuli Band, com a cantora, organista e velha amiga dos tempos de Chicago, Amina Claudine Myers e periodicamente se reúne com Lewis, Gary Valente e Craig Harris no quarteto de trombones "all stars" Slideride.

Anderson é um excelente professor e desde há muito tempo que é solicitado para dirigir *workshops* e *master classes*. Em 2001 foi professor convidado no Departamento de Música da Universidade Estadual de Nova Iorque e em 2003 foi contratado como Director de Estudos de Jazz na mesma Universidade. "Gosto verdadeiramente de ensinar, e à medida que vou ficando mais velho procuro servir a música não só tocando, mas ajudando a aconselhar as novas gerações". Em consequência deste seu interesse, recebeu bolsas do National Endowment for the Arts,

o Fund for u.s. Artists and International Festivals, a Oberon Foundation e a Chamber Music America.

Nomeado cinco anos seguidos como melhor trombonista pelos críticos reunidos pela revista *Down Beat*, foi considerado "o mais notável trombonista da sua geração" pelo Penguin Guide dos CDs de jazz. Gravou mais de 70 composições suas com os diversos grupos que integrou. resumido de [www.rayanderson.org](http://www.rayanderson.org)

## Mark Helias

O compositor e contrabaixista Mark Helias é visto regularmente em salas de Nova Iorque, desde The 55 Bar (um histórico clube de jazz e blues, fundado nos inícios do século XX em Greenwich Village; ver [www.55bar.com](http://www.55bar.com)) até ao Carnegie Hall. Depois de estudar com Homer Mensch na Rutgers University e na Yale School of Music, iniciou uma carreira internacional com o quarteto de Anthony Braxton em 1977. Desde então tem tido longas associações musicais com Edward Blackwell, Anthony Davis, Dewey Redman, Ray Anderson, Don Cherry e Gerry Hemingway.

Dez álbuns com música sua foram editados desde 1984 – *Split Image, The Current Set* (1987), *Desert Blue* (1989), *Attack the Future* (1992), *Loopin' the Cool* (1995), *Fictionary* (1998), *Come Ahead Back* (1998), *New School* (2001), *Verbs of Will* (2004), *Atomic Clock* (2006).

Compositor prolífico, Helias escreveu música para duas longas-metragens bem como obras de câmara, para grandes ensembles e big band. Produziu discos

para outros artistas em editoras como Gramavision, Enja, New World, Sound Aspects e Avant/DIW.

O seu trio Open Loose, com Tony Malaby e Tom Rainey, tornou-se num arquétipo conjunto de música improvisada da cena nova-iorquina. Mark Helias apresenta-se em concertos a solo e pode também ser ouvido num inovador duo de baixistas, The Marks Brothers, com o seu colega contrabaixista Mark Dresser. Ensina em Sarah Lawrence College, The New School, e STM (School for Improvised Music) e empenha-se em alargar o alcance da educação musical.

[www.markhelias.com](http://www.markhelias.com)

## Gerry Hemingway

O compositor e percussionista Gerry Hemingway nasceu em 1955 em New Haven, Connecticut, numa família com tradições musicais: a sua avó tinha sido pianista e o seu pai estudou composição com Paul Hindemith. Com cerca de dez anos de idade começou a interessar-se pela bateria e aos dezassete já era músico profissional. Nos anos 70 em New Haven viviam vários músicos interessantes. Foi aí que Hemingway conviveu e tocou com Anthony Davis, Leo Smith, George Lewis e Anthony Braxton. No final dos anos 70 formou o trio BassDrumBone com o trombonista Ray Anderson e o contrabaixista Mark Helias. Em 2002 o trio comemorou o seu 25.º aniversário gravando o CD *March of the Dimes* para a editora Data. Entre 1983 e 1994 fez parte do quarteto de

Anthony Braxton e no final dos anos 80 começou a tocar com o Reggie Worman Ensemble, conjunto que contou, em diferentes ocasiões, com a participação de músicos como Oliver Lake, Jeanne Lee, Marilyn Crispell, John Purcell e Don Byron, entre outros. É um dos membros nucleares do Anthony Davis' Episteme Ensemble, e participou como solista na gravação do concerto para violino de Anthony Davis actuando igualmente nas óperas do mesmo compositor *Under the Double Moon* e *Tania*. Em Maio de 1999 tocou em duo com o pianista Cecil Taylor a convite de DeSingel, um dos mais reputados centros culturais europeus, sediado em Antuérpia, na Bélgica.

Bolseiro da Fundação Guggenheim, Hemingway foi-se afirmando progressivamente como compositor e improvisador, como músico solista e líder de vários quartetos e quintetos aclamados internacionalmente.

Para além de ter beneficiado de bolsas do National Endowment for the Arts e da New York Foundation on the Arts, também recebeu encomendas através da Parabola Arts Foundation com fundos do New York State Council on the Arts, a última das quais (1998) para a obra de câmara *The Visiting Tank*, incluída no CD *Chamber Works* da editora Tzadik Records. Em 1993 estreou, com a orquestra sinfónica de Kansas City, um concerto para percussão e orquestra, intitulado *Terrains*, encomenda da referida orquestra. Em 1998 estreou uma outra encomenda, desta vez do Festival da Holanda e da estação de rádio NPS, de uma obra escrita em conjunto com o compositor holandês Guus Janssen,

intitulada *Cycles*. A formação com que mais frequentemente trabalha é um quarteto com Ray Anderson (trombone) ou Herb Robertson (trompete), Ellery Eskein (sax tenor) e Mark Dresser ou Mark Helias (contrabaixo). O grupo fez 40 concertos nos EUA em 1998 e o seu primeiro disco, Johnny's Corner Song foi gravado nesse ano para a editora Auricle Record. Para a editora portuguesa Cleen Feed, gravaram os CDs *Devil's Paradise* (2003) e *The Whimble* (2005). O Quarteto já esteve em Serralves, no Festival Jazz no Parque, em 2004, e no Festival de Jazz de Portalegre, no mesmo ano. Para trás ficaram nove anos de actuações e gravações de um quinteto baseado na Europa cujo CD final foi editado pela GM Recordings em finais de 1999, intitulado *Waltzes, Two-Steps and Other Matters of the Heart*. Antes tinham gravado *Special Detail* (1991), *Down to the Whire* (1993), *Demon Chaser* (1994), e *The Marmelade King* (1995) para a editora suíça Hat Art, e *Slamadam* (1995) e *Perfect World* (1996) para a Random Acoustics. O quinteto está actualmente em processo de reactivação com novos músicos e instrumentos: actuou em Lisboa, no GCB em 2003 e gravou em 2005 o CD *Double Blues Crossing* para a Between de Lines. O seu trabalho a solo, que teve início em 1974, constitui uma parte significativa da obra de Gerry Hemingway, documentada em 4 gravações: *Solo Works* (ainda em vinil), *Tube Works*, *Electro-Acoustic Solo Works* (1984-1995), *Acoustic Solo Works* (1983, 1994). O seu trabalho como compositor e percussionista inclui gravações, colaborações e actuações com,

entre muitos outros, Derek Bailey, Leo Smith, Oliver Lake, Kenny Wheeler, Frank Gratkowski, George Lewis, John Cale e Hank Roberts. Faz parte dos seguintes trios: "GRH", com o pianista alemão Georg Graewe e o violoncelista holandês Ernst Reijseger, "WHO", com o pianista suíço Michel Wintsch e o baixista Barry Guy (estiveram em Braga em 2003 e no Festival de Jazz da Alta Estremadura em 2005), "CGH" com a pianista Marilyn Crispell e o contrabaixista Bary Guy (actuaram no Guimarães-Jazz em 2002) e "Brew", com Reggie Workman (contrabaixo) e Myia Masaoka (intérprete de koto, instrumento tradicional japonês de 13 cordas).

Também faz parte de vários duetos, como os que forma com John Butcher (saxofone), com Earl Howard (electrónica ao vivo e saxofone), com Thomas Lehn (electrónica), com Marilyn Crispell (piano) ou Andrea Goodman (voz). Os seus trabalhos para multimédia incluem *Waterways* para projectores de slides, fita gravada e percussão, além de uma colaboração continuada com o artista de vídeo Beth Warshafsky. As múltiplas facetas do trabalho de Hemingway como compositor, solista, colaborador, membro de conjuntos, estão registadas em mais de cem discos para diversas editoras como Tzadic Records, Enja, Palmetto, Random Acoustics, Auricle Records, Hat Art, Clean Feed.

Em Maio de 2006 Gerry Hemingway e o seu quarteto actuaram no Grande Auditório da Culturgest.

[www.gerryhemingway.com](http://www.gerryhemingway.com), com acrescentos e adaptações.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO  
DANÇA SEXTA 14 · SÁB 15 MARÇO



## Solo a Ciegas (con lágrimas azules)

De Olga Mesa

PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · DUR ??? · M/12

Voltar à criação a solo é sempre uma oportunidade para retomar o pulso íntimo da minha pesquisa, de voltar a tocar a essência do meu trabalho, ajudando-me a questionar as necessidades, a reflexão e os posicionamentos da minha criação actual.

Ainda é cedo para saber como se situará o meu corpo em cena neste novo trabalho, mas sinto um grande desejo de escutá-lo e senti-lo. "E agora vou deixar-me levar", como dizia Mónica Valenciano numa das suas obras.

Uma parte importante das minhas reflexões e das minhas descobertas nasce da experiência vivida através deste corpo (que não é só meu) que se perde, se procura e se interroga. Princípios que nascem do instante, e a sua formulação.

Todos os olhares possíveis estão inscritos na memória de um corpo. A actual evolução do meu trabalho situa-se em todas estas fragmentações do espaço, real ou imaginário, e nas presenças que possa dar ao meu corpo nesta construção sempre em processo. OLGA MESA

Coreógrafa e artista visual espanhola, Olga Mesa desenvolve actualmente a sua actividade entre Espanha e França, onde em 2005 criou a associação Hors Champ/ Fuera del Campo e onde esteve em residência, no Théâtre Pole Sud, Estrasburgo, até ao Outono de 2006. Vários dos seus trabalhos têm sido apresentados em Portugal, nomeadamente, em anos recentes, as suas colaborações com o artista audiovisual catalão Daniel Miracle.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

## INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

## ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

## EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

## COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Maria Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragão ESTAGIÁRIA

grupo



Caixa Geral  
de Depósitos